

# Dr. ÁLVARO CAMILO VILAR MACHADO

Finalmente, 21 anos após a sua morte, vou escrever sobre o grande Amigo que foi o Dr. ÁLVARO CAMILO VILAR MACHADO, sendo certo que, ao recordá-lo, trarei à memória de todos quantos o conheceram o

Homem de bem que ele sempre demonstrou ser, alguém possuidor de um espírito invulgar, cujo modelo é seguido unicamente por uma minoria que, felizmente, ainda vai resistindo ao materialismo que por aí

campeia. Um Homem, afinal, transigente com tudo e com todos, embora, ao proceder desta maneira, nunca pudesse ambicionar vir a ter uma grande fortuna, sabendo-se que o seu constante, notável e proffico trabalho apontasse para isso mesmo. Mas o seu impoluto carácter e a sua nobreza de sentimentos (nada afeito a fantasiosas quimeras) distinguiram-no e projectaram-no à admiração de todos, precisamente por esses factos.

Pois bem: vamos lá a ver se tenho "engenho e arte" suficientes para realçar a vida deste notabilíssimo médico, a quem chamavam "o médico dos pobres". E começo já por afirmar, que o Dr. Vilar Machado terá sido, também, "o médico dos remediados" e, em certa medida, "o médico dos ricos", pelo que eu até nem sei bem como é que ele sobrevivia.

A verdade é que o elevado sentido do sacerdócio com que exercia a sua profissão terá sido, e acima de tudo, brilhantemente pautado e orientado pela sua esmerada educação e sentido de estar; pelo prazer de conviver com quem quer que fosse e, mais ainda, por respeitar fielmente o Juramento do mais ilustre médico da antiguidade - Hipócrates -, nunca se negando a observar um doente que solicitasse os seus serviços, fosse a que horas fosse do dia ... ou da noite!

O grande romancista inglês Charles Dickens disse de certa vez: "Faz todo o bem que puderes..."





e não faças muito barulho à volta disso". Ou melhor dizendo, na nossa mais pura e popular máxima: "Faz todo o bem sem olhar a quem". Pois foi, assim, deste jeito que o Dr. Vilar Machado sempre procedeu, não fazendo grande barulho sobre as suas atitudes, nem olhando a quem as fazia. Em suma, um altruísta de rara sensibilidade, que aliava às grandes qualidades que tinha uma enorme popularidade, de tão sociável que era. Tinha, ainda, uma característica pouco comum e muito pouco conhecida. De vez em quando, dizia para o Joaquim da Farmácia: "Quanto devo?". E lá liquidava o valor das receitas aviadas, por sua indicação, a pessoas pobres que, se não fora assim, não poderiam seguir o tratamento que ele próprio lhes prescrevera.

Álvaro Camilo Vilar Machado nasceu na freguesia de Campanhã, no Porto, no dia 7 de Maio de 1926, e faleceu nesta freguesia, no dia 13 de Fevereiro de 1984. Era filho de Álvaro Augusto Machado e de Maria da Graça Vilar, de cujo matrimónio houve um filho e uma filha, sendo ele o primogénito.

Fez a instrução primária na Escola de Campanhã, transitando, depois, para o Liceu Alexandre Herculano, onde completou os estudos secundários. Posteriormente matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde, no ano de 1950, com 24 anos de idade, completaria o curso.

Assim, em 1952 e ainda solteiro, veio viver para S. Mamede de Infesta e, imediatamente a seguir ao seu casamento,

com Maria Anilde Moreira Lopes, realizado no dia 7 de Março de 1953, na igreja de Fonte de Arcada, Penafiel, radicou-se aqui definitivamente, passando o novel casal a residir numa casa da Avenida do Conde, mudando-se, posteriormente, primeiro para o nº 304 da Rua Godinho de Faria e, depois, para o nº 142 da mesma rua. Do matrimónio nasceram dois rapazes e duas meninas, sendo certo que, com particular orgulho, dos quatro filhos, três acabariam formados em Medicina e a filha mais nova em Jornalismo.

Pena foi que, o sonho do médico-pai se tivesse desvanecido, já que sonhara vir um dia a trabalhar numa clínica aqui na freguesia, juntamente com os médicos-filhos.

Entretanto, faz o Internato Geral no Hospital de Santo António, adquirindo prestígio e uma soma de ensinamentos que lhe facilitariam a espinhosa missão profissional que o esperava. Transfere-se, depois, para a Ordem de S. Francisco, no Porto, onde, como ajudante do conceituado cirurgião Dr. Canto Moniz, se prepara, para vir a ser ele próprio, também, um cirurgião de nomeada, o que vem a acontecer, logo após a morte do mestre, pelo que não só tomou o seu lugar como foi nomeado Director Clínico daquela Ordem. O seu currículo foi, depois, constantemente enriquecido com um

trabalho deveras exaustivo, saindo-se airoso de todas e quaisquer operações cirúrgicas a que era chamado a efectuar, pelo que não só ganhou fama de bom cirurgião como lá foi ganhando algum dinheiro, necessário, evidentemente, a fazer face às elevadas despesas que a sua vida familiar exigia. E, mesmo com muito trabalho, quer na Ordem, quer no quotidiano da clínica geral, que exercia, sobrava-lhe, ainda, tempo para ser um marido exemplar, um pai dedicado, pleno de atenções para com os filhos e um grande amigo de todos quantos tiveram o privilégio de com ele contactarem.

Acontece que, mesmo com todo o seu tempo inteiramente ocupado com a profissão que escolhera, lá ia arranjan-do certas ocasiões para, gratuitamente, servir todas as instituições da terra, como Clínico. Por tal motivo, de todas recebeu as homenagens devidas, especialmente da Académica de S. Mamede, que o nomeou seu "Sócio de Mérito" e lhe atribuiu a "Medalha de Ouro de Serviços Distintos". E, no dia 6

#### FICHA TÉCNICA

##### Director

António Moutinho Mendes - Presidente da Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta

##### Chefe de Redacção

Vitor da Rocha

##### Corpo Redactorial

Vitor Jorge Teixeira, Marco Paulo Pereira, Paulo Cepeda Barreiros, Patrícia Ana Silva, Júlio Oliveira, Marlene Moreira, Elsa Taborda, Cláudia Ferreira, Carlo Bessa.

##### Grafismo e Fotocomposição

Vitor Teixeira

##### Execução Gráfica

Jornal de Matosinhos

Tiragem - 4000 exemplares



de Junho de 1963, no restaurante de Aeroporto de Pedras Rubras, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de S. Mamede de Infesta prestou-lhe uma grande homenagem, com um jantar a que assistiram largas dezenas de pessoas.

Era o meu VIZINHO! Sempre nos tratávamos assim. Era "olá vizinho" ou "como vai o vizinho"?! Eu morava na casa ao lado, no nº 126, e, por esse facto, nasceu daí uma grande e afectuosa amizade entre ambos, que só a sua morte terminou e foi pena. Se há mortes que eu sempre terei de lamentar, esta é uma delas. E estou inteiramente convencido que, do mesmo modo, todos quantos o conheceram e apreciaram a sua tão transcendente e incontestável maneira de estar na vida a lamentam também.

Lembro-me das conversas, muito curiosas, que sempre mantínhamos e, da sua parte, para além da assistência médica a que sempre recorri, era-me prodigalizada uma grande e generosa estima, enfim, um amigo para todas as ocasiões, que restará na minha memória como alguém com um arquétipo de vida a realçar e a seguir.

Ora bem: o serviço que ele prestou a quem quer que fosse, a dignidade com que sempre viveu, a solidariedade que devotou a todos quantos o procuravam, o respeito pelos seus doentes, a dedicação e o carinho com que os tratava, apanágio com que exercia o seu mister, tudo num envolvimento de quase 33 anos de sacerdócio médico, foram os motivos suficientes para que a freguesia, no seu todo, lamentasse e cho-rasse a morte do seu médico querido, cuja delicadeza de trato e competência profissional o elevaram à categoria de ALMA GENEROSA.

No ano seguinte à sua morte, esta terra prestou-lhe uma grande e sentida homenagem. Alguém propôs à Junta de Freguesia que o seu nome fosse perpetuado e dado a uma rua. Submetida a sugestão à Câmara Municipal de Matosinhos, a pro-

posta foi aprovada em 20/11/1985, pelo que a Rua da Lagoa (onde o médico vivera, depois de ter aí construído uma moradia), passou a denominar-se Rua Dr. Vilar Machado. E, em Dezembro de 1985, com a presença de uma pequena multidão, foi descerrada a placa toponímica com o nome de tão prestigioso mamedense – que o era, por adopção.

Nessa altura, foi-me dada a honra de proferir algumas palavras sobre tão preclaro médico, num acto que reputo da mais pura justiça. Motivei-me e, na minha oração, de entre outras coisas, citei Alexandre Pope, poeta e filósofo inglês, que dissera um dia: *"Um homem honesto é a obra mais nobre de Deus"*. Ora, na minha opinião, Vilar Machado, durante todo o seu extraordinário sacerdócio, foi, de facto, de uma nobreza de sentimentos tal que terá sido, também, uma obra de Deus a sua passagem pela Terra.

De seguida, o então Presidente da Junta, Manuel Fernando da Silva Paulo, disse, em determinado ponto do seu discurso, estas notáveis palavras: *"Mais do que justa, esta homenagem é necessária a um Homem que ficará para sempre no coração de todos"*.

Por fim, o Presidente Narciso Miranda, que presidia ao acto, empolgante, como sempre, e de improviso, disse, de entre outras coisas, este facto assinalável: *"Esta é a primeira vez que acontece uma mudança na designação toponímica desde que há nove anos assumi a presidência da Câmara. Contudo, a acção, a personalidade do médico benemérito que foi Vilar Machado sobrepuseram-se, pelo que dei o meu acordo"*.

Estava feita a apologia de alguém, que eu espero que a poeira do tempo não obscureça a sua memória.

Termino, dizendo que só um grande artista, como o foi Domingos Soares – o popular Mingos –, conseguiria captar as expressões fidedignas e os traços fisionómicos de beleza expressiva do Dr. Vilar Machado, pelo que, em substituição da costumada fotografia do homenageado, são publicadas duas portentosas caricaturas suas.

Poder-se-á dizer que, no seu conjunto, está retratado o espírito de bem-fazer do médico e a arte de fazer-bem do caricaturista genial.

Eduardo da Costa Soares

